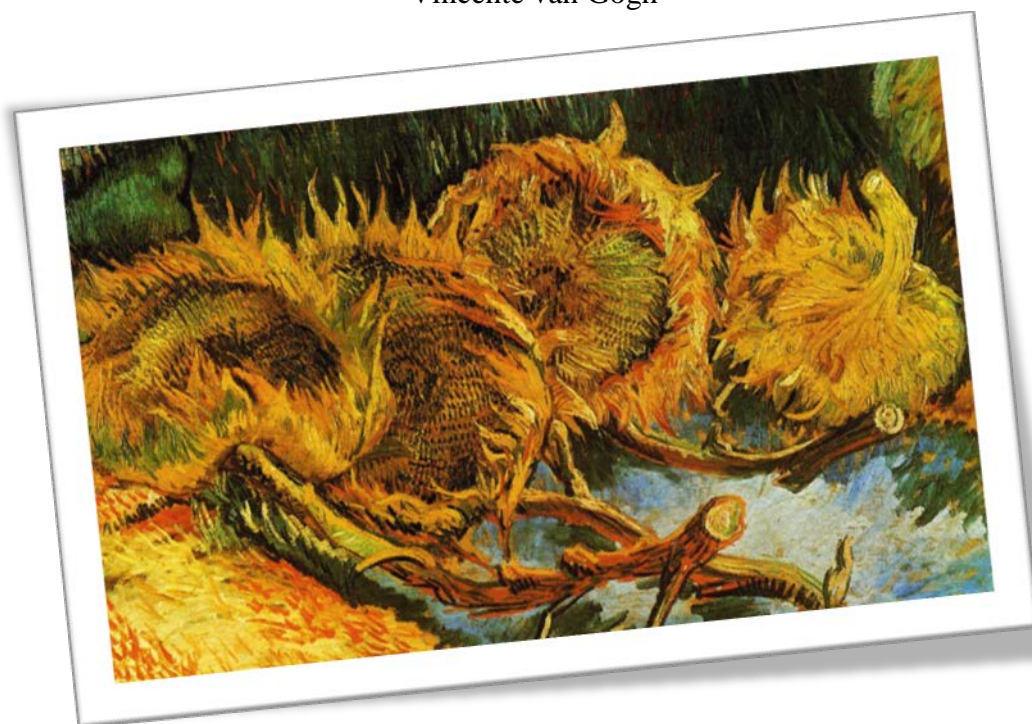




Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto  
Curso de Assessoria e Tradução

## **Arte: Ontem e hoje**

Vincente van Gogh



Rute Miriam Monteiro Ferreira  
2100775 – R31N  
Porto  
Janeiro de 2013



*“Sinto em mim um fogo que não posso deixar extinguir, que, ao contrário, devo atizar ainda que não saiba a que espécie de saída isso me vai conduzir. Não me espantaria que essa saída fosse sombria. Mas, em certas situações vale mais ser vencido do que vencedor”.*

(Vincent van Gogh)



Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto  
Curso de Assessoria e Tradução

## Arte: Ontem e hoje

Vincente van Gogh



Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Estudos Interculturais, leccionada pela

Dr.ª Clara Sarmento



## Índice

Introdução .....	5
Arte .....	7
Definição de arte .....	7
Definição segundo teorias essencialistas.....	7
Arte enquanto cultura de massas.....	8
Quem decide o que é considerado Arte .....	8
Vincent van Gogh – Vida e Obra.....	12
Metade monge metade artista.....	14
Os anos de aprendizagem.....	16
A pintura como razão de vida .....	17
Vincent van Gogh – de falhado a ícone da pintura.....	20
Construção Social de Identidade .....	20
Discurso.....	21
Essencialismo .....	22
Estruturas de pensamento.....	23
Arte - Ontem e hoje.....	25
Tradução cultural num espaço temporal .....	26
Conclusão.....	29
Referências bibliográficas.....	30
Anexos – Apresentação Oral .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>



## Introdução

-O que é arte?

-Quem decide o que é considerado arte?

-Porque é que o que não era considerado arte há poucos séculos atrás, o é hoje?

Esta é a problemática que vou abordar com o meu trabalho. Para tentar responder a estas perguntas tento definir arte e perceber quem tinha o poder para decidir o que era ou não considerado arte.

De seguida escolhi o pintor Vincent van Gogh como exemplo, e através da história de vida dele pretendo explicar, aplicando os conceitos aprendidos na aula de Estudo Interculturais como “Construção Social de Identidade”, “Estruturas de Pensamento”, “Representação”, “Discurso”, “Essencialismo”, “Civilização” e “Tradução Intercultural”, o porque da rejeição destes pintores por parte da força que comanda e monopoliza todo o sistema e mercado que rodeia a arte, mais concretamente a pintura.

Finalmente através de uma comparação do *ontem* e do *hoje*, tento responder à terceira pergunta feita neste trabalho.



“A Ponte de Langlois”, Arles, Maio de 1888, Óleo sobre Tela 49,5x64 cm



“Camponeses Dormindo a Sesta”, Saint-Rémy, Janeiro de 1890, Óleo Sobre Tela, 73 x 91 cm



## Arte

*“Arte (do latim ars, significando técnica e/ou habilidade) geralmente é entendida como a actividade humana ligada a manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada a partir da percepção, das emoções e das ideias, com o objectivo de estimular essas instâncias da consciência e dando um significado único e diferente para cada obra. A arte se vale para isso de uma grande variedade de meios e materiais, como a arquitectura, a escultura, a pintura, a escrita, a música, a dança, a fotografia, o teatro e o cinema.”*

## Definição de arte

*“O principal problema na definição do que é arte é o facto de que esta definição varia com o tempo e de acordo com as várias culturas humanas. Devemos, pois, ter em mente que a própria definição de arte é uma construção cultural variável e sem significado constante. Até numa mesma época e numa mesma cultura pode haver múltiplas acepções do que é arte. Também é preciso lembrar que muito do que hoje chamamos de arte não era ou não é considerado como tal pelas culturas diferentes da nossa, que a produziram, e o inverso também é verdadeiro: certas culturas podem produzir objectos artísticos que nós não reconhecemos como tais. As sociedades pré-industriais em geral não possuem ou possuíam sequer um termo para designar arte.*

*(...)*

*Mesmo que se possam estabelecer parâmetros gerais válidos consensualmente, a análise de cada caso pode ser extraordinariamente complexa e inconsistente. Num contexto geográfico, se a cultura ocidental chama de arte a ópera, possivelmente uma cultura não ocidental poderia considerar aquele tipo de canto muito estranho. Na perspectiva histórica, muitas vezes um objecto considerado artístico em uma determinada época pode ser considerado não-artístico em outra.”*

### **Definição segundo teorias essencialistas**

*Teoria da imitação como arte* - Uma obra é arte se, e só se, é produzida pelo homem e imita algo.

*Teoria da arte como expressão* - Uma obra é arte se, e só se, exprime sentimentos e emoções do artista.

*Teoria da arte como forma significativa* - Uma obra é arte se, e só se, provoca nas pessoas emoções estéticas.



Como nenhuma destas teorias essencialistas parece ter base suficiente para conseguir definir o que é arte, filósofos de arte, como foi o caso de Morris Weitz desistiu da ideia de que a arte pode ser definida.

## Arte enquanto cultura de massas

Presentemente pode-se dividir o conceito de Arte nas seguintes categorias:

- Arte erudita ou Arte de elite.

É dirigida a um público muito restrito já que oferece de uma forma complexa uma interpretação do significado da existência humana, com linguagens também complexas.

- Arte popular ou Arte folclórica.

Pertencem a uma mesma classe social e são as tradições colectivas nacionais populares. Esta arte traduz os sentimentos e a visão do mundo de um determinado grupo de onde tem origem e para o qual se destina. Confere assim uma identidade cultural a estes grupos e é uma forma de conservação da cultura tradicional de um povo.

- Arte de massas ou cultura de massas

Esta arte não está particularmente vinculada a nenhum grupo específico, pelo contrário, ela é comercializada de forma industrial. É financiada por empresas com recurso à mais diversa tecnologia que têm como objectivo a tal comercialização, que é tanto de reproduções de obras de arte erudita como de obras de artistas individuais que são compradas para produção em escala industrial para serem então colocadas no mercado para o consumo em larga escala e com tudo isto a obtenção de lucro.

## Quem decide o que é considerado Arte

Estética é a disciplina da filosofia que se ocupa dos problemas, teorias e argumentos acerca da arte.

A estética pode ser portanto considerada como uma de três coisas: a teoria do belo, a teoria do gosto ou a filosofia da arte.

A duas teorias são dirigidas particularmente para as obras de arte. Para além de conseguir definir o que é belo ou não, teoria do Belo tem o problema de distinguir o que é o belo natural do belo artístico. Da mesma forma, a teoria do gosto procura





compreender o porquê da arte estar na origem de grande parte dos nossos juízos de gosto ou não gosto.

No entanto, estas duas teorias, a do belo e a do gosto, não conseguem lidar com muitos dos problemas que se impõem com o conceito de arte. É o caso de obras de arte que não consideramos belas e nem sequer gostamos mas não podem deixar de ser consideradas obras de arte.

O desenvolvimento da arte consegue ainda levantar problemas acerca dos conceitos de belo e de gosto que estes não conseguem levantar acerca da arte. Isso torna-me evidente quando a nossa noção de belo e os nossos gostos se vão modificando à medida que vamos contactando com diferentes obras de arte.

É claro que não poderiam ser apenas meia dúzia de teorias que poderiam definir quem é que tem o poder de decidir o que é considerado arte ou o que não é considerado arte. Cada individuo tem as suas estruturas de pensamento, a sua construção social de identidade, e portanto, cada um terá uma forma de ver e de pensar distintas. Assim, tudo poderia ser considerado arte ou nada seria considerado arte dependendo dos gostos e opiniões de cada um.

É preciso haver uma fonte de poder, a elite que define o que será então ou não considerado como arte. Essa elite virá a ser então a academia.

A academia, ou mais precisamente, o academicismo é a designação dada ao método de ensino artístico de cariz profissional pensado, formalizado e leccionado pelas academias de arte europeias. Este método levou a sua influência a todo o mundo ocidental ao longo de vários séculos, e teve impacto em várias sociedades não-ocidentais devido ao colonialismo. A Academia Real de Pintura e Escultura de França consolidou um método que impôs uma pedagogia fortemente sistemática, hierárquica e ortodoxa. O sucesso da proposta francesa transformou-a no modelo para a fundação de várias outras escolas de arte de nível superior em muitos outros países, tendo grande influência na evolução das correntes barroca, neoclássica e parte da romântica. As academias formaram-se para superar o sistema corporativo e artesanal das corporações de ofício medievais de artistas, e tinham como princípio basilar a ideia de que a arte pode ser ensinada através da sua sistematização, aliada a uma teoria e prática totalmente comunicável, diminuindo a importância da criatividade. Valorizavam antes idolatrar mestres consagrados, imolando a tradição clássica, e aplicavam conceitos formulados colectivamente que possuíam, além de um carácter estético, e também uma origem e propósito éticos. As academias foram importantes

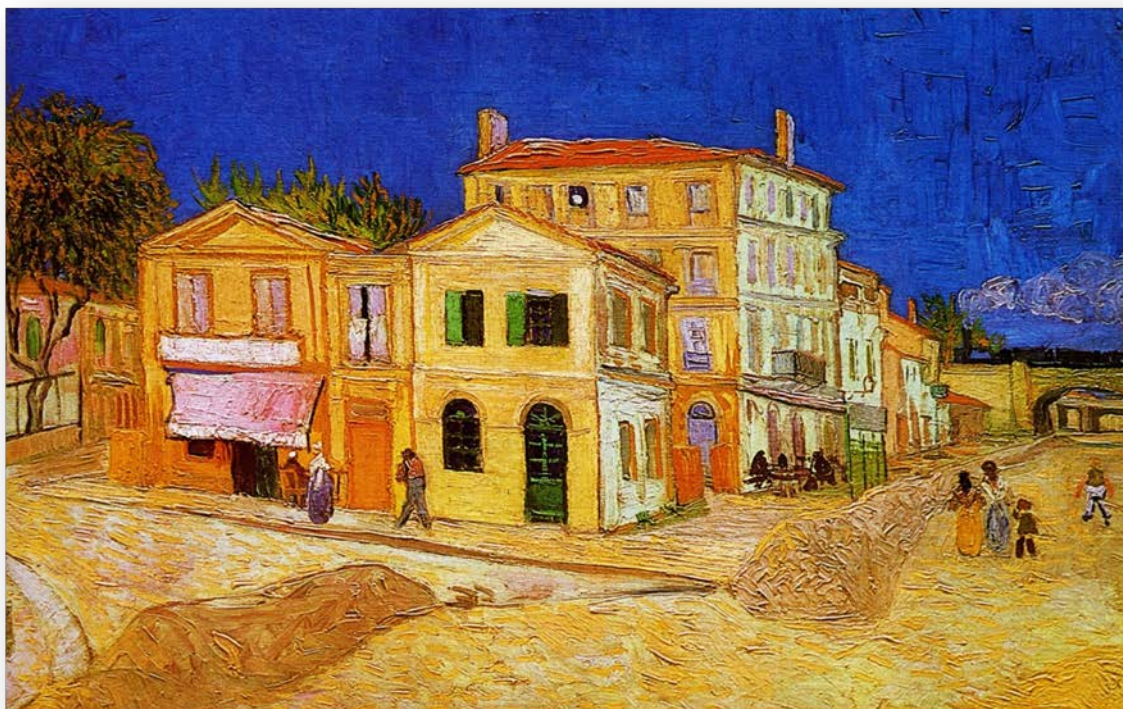


para a elevação do *status* profissional dos artistas, tornando-os próximos dos intelectuais e mais afastados dos artesãos. Também foram fundamentais na organização de todo o sistema de arte enquanto funcionaram, já que, além do ensino, açambarcaram a ideologia cultural, o gosto, a crítica, o mercado e as formas de exibir e difundir a arte, e acabaram por ser a gênese de muitos museus de arte. Esta grande influência deveu-se essencialmente à sua próxima associação ao poder constituído dos Estados, sendo regra para os veículos da divulgação e consagração de ideias não apenas artísticas, mas também políticas e sociais. Assim, desde a sua origem, grupos de artistas que se foram mantendo à margem dos reduzidos círculos académicos, foram cercados de protesto e controvérsia sobre o que seria a arte oficial, e as suas regras rigorosas e universalistas são o reflexo do absolutismo.

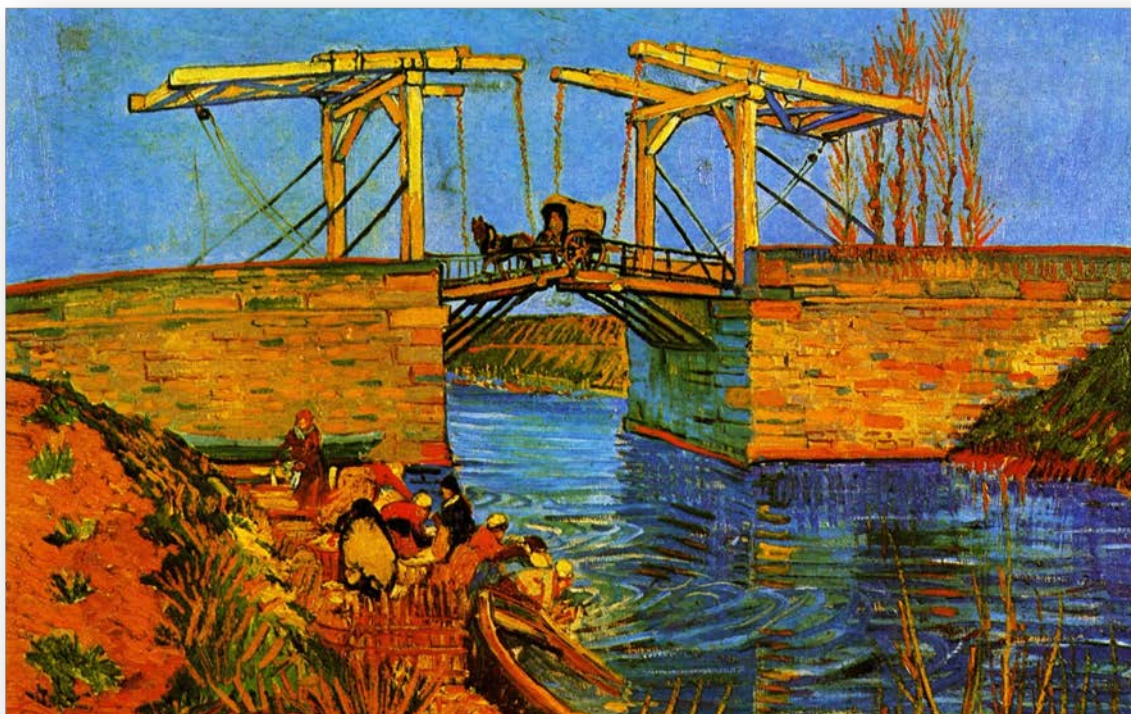
Desde fins do século XVIII, mas mais acentuadamente em meados do século XIX, o sistema académico tradicional, que até ali tinha sido um dos principais fomentadores das vanguardas e o juiz de toda a arte, perdeu parte da ligação vital com o seu contexto e passou a ser vigorosamente atacada pelos defensores do Realismo e do Impressionismo, que o acusavam de dogmatismo, conservadorismo e avesso à expressão da individualidade, fazendo com que o sistema entrasse em declínio. No início do século, entrou definitivamente em colapso com a evidenciação do Modernismo, que lutou contra todas as formas de tradição artística e favoreceu a intuição, a independência criativa e a expressão livre. No entanto, mesmo com o Modernismo, muitos princípios do antigo Academicismo sobreviveram em iniciativas como a da Bauhaus e outras escolas de arte. Mesmo profundamente alterado, parte do academicismo primitivo voltou recentemente a ser considerado válido e reapareceu no currículo das escolas de arte das universidades e outras instituições de ensino superior, por reconhecimento de duas necessidades: a de o artista ter uma preparação intelectual sólida para poder criar e interagir no mundo da arte contemporânea, e a de se formular alguns critérios valorativos de uso comum.

A arte académica mais antiga sobreviveu ao Modernismo como um monumento de tempos passados, mas a que foi produzida na segunda metade do século XIX, a dos precursores modernistas, apenas por volta da década de 1970 começou a ser recuperada pela crítica. Hoje em dia, as suas obras são vistas em muitos museus a par com as de escolas mais conceituadas, e seus valores aumentaram significativamente, mas o termo "academicismo" ficou imbuído de uma conotação negativa, e remete para tendências retrógradas, retóricas, artificiais, tecnicistas, ortodoxas, tradicionalistas ou

conservadoras.



“A Casa Amarela”, Arles, 1888, Óleo sobre Tela, 76x94 cm



“A ponte de Langlois em Arles com Lavadeiras”, Arles, Março de 1888, Óleo sobre Tela, 54x65 cm



## Vincent van Gogh – Vida e Obra

Van Gogh é hoje reconhecido como um artista extraordinário e profético, cuja vida, e essencialmente a obra foi uma antecipação das questões, caminhos e conflitos do homem actual. Na sua atormentada existência, manteve-se sempre fiel a si mesmo, fosse como pintor, como estudante, como missionário ou como amante. Optou por manter a sua singularidade contra tudo e contra todos. Enfrentou a família, enfrentou *marchands* e nunca se vergou perante nenhum modelo social.

Como se isto não fosse já suficiente para tornar a sua vida difícil, ele teve ainda a coragem de assumir uma posição ideológica conhecida por panteísta<sup>1</sup>, numa época em que reinava, ou o Deus externalizado e personalizado, ou o racionalismo científico. Os seus quadros eram a negação da orientação cognitiva fundamental dominante na sociedade, com a ênfase que dava à cor, à expressividade e à fusão homem/Natureza. É provável que o seu suicídio tenha sido um acumular da incompreensão de que sempre foi alvo por parte de uma sociedade que nunca o aceitou e o excluiu espiritualmente. No dia 27 de Julho de 1890, ele decidiu excluir também o seu ser desta sociedade com a qual nunca se identificou.

### **O início**

Vincent van Gogh nasceu no dia 30 de Março de 1853, em Groot Zundert na Holanda. Filho de Theodore van Gogh, pastor calvinista e de Anna-Cornelia Carpentus, que era filha de um encadernador da corte. Era uma família honrada, antiga, tradicional, mas pobre.

Desde o século XVI, os van Gogh eram eminentes burgueses e com um certo pendor para as artes. Vincent era o mais velho de seis irmãos. Era pouco sociável, visto como um génio arredio que gostava de vaguear pelos campos, e demonstrando desde cedo um amor pela Natureza. Nenhum dos irmãos, a não ser Theo, quatro anos mais novo, conseguia fazer-lhe companhia nas suas incursões ecológicas. Esta união fraterna vai perdurar por toda a sua curta vida, e vai sensibilizar aqueles que puderam ter em mãos as cartas que ambos trocaram ao longo dos anos.

Aos 16 anos, o jovem Vincent van Gogh consegue empregar-se na Casa Goupil, em Haia, estabelecimento francês na Holanda e uma importante galeria de arte, onde o seu tio era gerente. Esta foi a oportunidade que sempre desejou para deixar para trás a sua tão cinzenta e triste aldeia, uma mãe nervosa e um pai severo e calvinista<sup>2</sup>. Mais do que isso, deixa agora para trás uma infância melancólica e o tédio de ter sido uma



criança triste e só. Sempre se sentiu desajustado naquele lar, naquela terra e principalmente naquela sociedade repressora. Quando aceitou o convite do tio para trabalhar para ele, sabia que estava a fugir de tudo isto.

Vai permanecer em Haia por três anos, de 1869 a 1871 e é neste ano que é enviado para Bruxelas, para uma filial da Casa Goupil onde vai permanecer durante dois anos. Como constante insatisfeito que era, e sempre em busca de novos mundos, parte depois para a Goupil de Londres onde vai ficar também por dois anos. Aqui, começa a sentir uma grande necessidade de exprimir-se e passa a desenhar cenas do Tamisa nas horas vagas. Em janeiro de 1873, aos 19 anos escreve para seu irmão Theo (que tem então 15 anos): *“o meu ano novo começou bem. Recebi um aumento de dez florins... e concederam-me um prémio de 50 florins acima do mercado. Não é magnífico? Eu espero poder, desta maneira, prover as minhas próprias necessidades. Estou muito contente que também tu estejas a trabalhar na mesma firma. É uma bela firma onde, quanto mais se trabalha, mais se sente a ambição”*. A carta tem alguma ambiguidade. Van Gogh não fala da sua ambição directamente, mas de uma ambição que parece vir da firma. Como se a ambição não fosse propriamente sua, mas imposta. Seria esta ambiguidade um prenúncio do conflito entre afirmar a sua singularidade em oposição a dobrar-se às convenções? É em Londres que tem a sua primeira decepção amorosa, ao apaixonar-se pela filha da dona da pensão onde mora, Úrsula. Mas é repellido pela jovem e, em meados de 1874, volta à Holanda.

O pai nota-o agora ainda mais sombrio e atormentado do que antes. A falta de Sol enerva-o e sonha agora com Paris. Esta passa a ser uma ideia fixa pela imagem que emana a Cidade Luz e a então capital das artes. Em 1875 consegue transferência para a sua então tão desejada cidade – Paris.

Aqui tudo o encanta e sente-se cada vez mais seduzido pelas artes, para onde canaliza agora o seu espírito. Lê Gustave Flaubert, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire. Admira as românticas cenas campestres de Gustave Courbet e os heróis épicos de Eugène Delacroix, os pintores de maior sucesso de venda na época, mas odeia o emprego que tem, emprego esse que a seu ver o impede de viver em plenitude.

Em vez de estar a vender telas na Goupil, frequenta outras galerias, lê cada vez mais livros sobre arte e forma opinião própria sobre o assunto, o que o leva agora a discutir com a clientela. Em Abril de 1876 é demitido. Tem agora 23 anos, algumas



decepções, muitas ilusões e nenhum plano para o seu futuro, o que o leva de volta a casa dos pais, agora em Etten, Holanda.

Mas Vincent continua rebelde, e em casa nada mais é do que uma decepção para o pai e uma desilusão para a sua nervosa mãe. Mais uma vez, só o irmão Theo é capaz de o compreender. O ano de 1876 acaba por ser muito depressivo para o jovem van Gogh. Sofre de várias crises nervosas seguidas e longos períodos de mutismo e solidão, o que virá a resultar num profundo misticismo. O fervor religioso que apresenta então é de tal ordem que o seu próprio pai, pastor, o considera exagerado.

### **Metade monge metade artista**

Começa então a forjar uma nova fuga da sociedade, da família, e da realidade que o cerca. Primeiro foge para Londres, onde pretendia ensinar francês e alemão em escolas, mas não domina estes idiomas a ponto de os ensinar. Volta à Holanda, onde durante três meses trabalha numa livraria em Dordrecht. Decide agora seguir a carreira do pai, e vai estudar para ser pastor, mas entre os pobres. *“A miséria atrai-me”* - escreve ao irmão Theo. Num extracto da mesma carta de 3 de Abril de 1878 dizia *“quanto mais nos mantivermos com regras fixas, mais firme se tornará o nosso carácter, sem que para isto tenhamos de nos tornar limitados... E mesmo nos ambientes cultos e nas melhores sociedades e circunstâncias mais favoráveis, é preciso conservar algo do carácter original de um Robinson Crusoe ou de um homem da Natureza, jamais deixando extinguir-se a chama interior, e sim cultivá-la”*. Nesta carta, Vincent procura compatibilizar o homem das "regras fixas" com o "homem da Natureza", trocando o modelo social vigente por uma vida livre e criativa.

É reprovado no Seminário Teológico da Universidade de Amsterdão, mas consegue lugar de pregador missionário nas minas de carvão de Borinage, Bélgica. No entanto, os mineiros desconfiam daquele homem que acham estranho e que não acata as ordens dos seus superiores. É demitido mais uma vez em Julho de 1879, poucos meses depois de sua experiência evangélica. Perde a fé e a saúde e volta para casa de novo. Depois de se certificar que aquela não é a sua vocação, e agora com 26 anos, instala-se em Cuesmes. Na solidão desenha de memória cenas de Borinage. Aqui começa o seu despertar e decide que quer ser pintor após um período de errância física e mental. Começa inicialmente a viver de uma pequena mesada que lhe é mandada pelo irmão Theo. Mas ainda não é em Cuesmes que assenta. Agora ainda mais aventureiro, parte de mochila às costas e caminha sem destino, parando aqui e ali, e dormindo onde calha, tanto à beira dos caminhos como em celeiros ou mesmo



debaixo de carroças sob o vento frio e cortante do inverno, nunca parando no entanto de desenhar.

Escreve a Theo, em Julho de 1880, uma carta na qual descreve a angústia em que se encontra. A separação entre "regras de sociedade" e "homem natural" está mais definida. Theo fica muito emocionado com as palavras do irmão e resolve dedicar-se a ajudar o seu irmão por toda a vida sabendo-o pintor por destino. Vincente van Gogh encontra-se agora em Bruxelas a estudar anatomia e a desenhar cada vez mais. Mas depressa se vai mudar para a Holanda mais uma vez, agora para Haia, onde estuda com Anton Mauve (marido da sua prima Ariete) mas acabam por brigar, pois van Gogh desgosta-se com as regras académicas. *"Não quero pintar quadros, quero pintar a vida"* - escreve ao irmão. *"Há uma velha escola académica muitas vezes execrável, tirânica, a abominação da desolação, enfim, homens que têm uma espécie de couraça, uma armadura de aço de preconceitos e convenções; estes, quando estão à testa dos negócios, dispõem dos cargos e, por meios indirectos, buscam manter seus protegidos e excluir os homens naturais"*. É evidente que van Gogh se inclui entre os "homens naturais". Ele tinha sido destituído de sua condição de missionário, ainda há pouco, por não agir de acordo com os preceitos da Igreja. Com perspicácia, van Gogh prossegue nesta carta: *"Agora, uma das causas pelas quais estou deslocado - e porque durante tantos anos estive deslocado - é simplesmente porque tenho ideias diferentes das desses senhores que dão cargos àqueles que pensam como eles. Não se trata de uma simples questão de asseio, como hipocritamente me censuraram, é uma questão mais séria que isto, posso garantir"*. Van Gogh toma consciência dos distúrbios e reacções que a sua singularidade provoca no mundo.

A sua valorização e expressão de sentimentos, a sua desconfiança na razão pura, o panteísmo, a crença no amor, na intuição, na humildade, na sinceridade, a sua afirmação de singularidade nem competitiva nem rebelde, a sua ausência de preconceitos, o seu desprezo pelas convenções e pelos valores sociais em vigor, ameaçavam os "homens de preconceitos" da sociedade da época que então o atacava ou o ignorava. Antonin Artaud afirmou que van Gogh foi um "suicidado da sociedade". Van Gogh afirma e reafirma uma singularidade que se apoia e está em continuidade com os seus mais antigos sentimentos, valores e pensamentos. Ainda na carta anterior, respondendo ao irmão que lhe escrevera *"desde então mudaste muito, já não és mais o mesmo"*, esclarece: *"o que mudou é que minha vida era então menos difícil, e o meu futuro aparentemente menos sombrio; mas quanto ao meu íntimo,*



*quanto à minha maneira de ver e de pensar, nada disto mudou, e se de facto houvesse alguma mudança, é que agora eu penso e acredito e amo mais seriamente aquilo que na época eu também já pensava, acreditava e amava*". Esta fidelidade aos valores mais antigos remete-nos ao carácter da sua mãe, enquanto que o seu desejo de se inserir no mundo adulto refere-o mais ligado ao tipo de carácter do pai.

Porém, van Gogh só admite entrar no social conservando as suas próprias crenças, sentimentos e pensamentos mais antigos, a sua singularidade.

A vida para van Gogh são paisagens e gente; camponeses e mineiros, campos e trigais. O pintor Mauve, apesar das suas diferenças encoraja-o, mas o pai inibe-o. Quem o acolhe é Christiane, uma prostituta grávida que é sua modelo e com quem mantém um caso. Apesar de enfatizar a Theo em mais uma das suas cartas "*Encontro em mim uma harmonia e uma musicalidade calma e pura*", as telas que tem vindo a pintar são sombrias, pesadas e cinzentas. Um desgosto amoroso vem assolar novamente a vida de van Gogh, Christiane abandona-o. A criança que deu à luz morre e estamos agora em Setembro de 1883. Volta pela última vez à casa paterna, onde vem a alugar um *atelier* de um sacristão católico. Agora o seu génio vai emergir em toda a sua plenitude.

### **Os anos de aprendizagem**

O seu destino são sem dúvida as cores, pinta retratos, as paisagens de sempre mas com toda a confiança em si e no seu futuro. Passa pelo que parece ser uma batalha de pintura e não dá tréguas ao corpo exausto. Sofre pela terceira vez um desgosto amoroso, desta vez um noivado desfeito pelos pais da noiva. A acrescentar a isto, no dia 27 de Março de 1885, o pastor Theodore van Gogh morre à porta de casa. A perda do pai deixa-o mortificado. Abandona pela última vez a Holanda e segue para Antuérpia, Bélgica. Nesta cidade duas coisas vão ser uma revelação para ele, as pinturas de Rubens e as estampas Japonesas, que levam Vincent van Gogh, agora com 32 anos a emocionar-se até às lágrimas. A partir daqui, todas as etapas da vida dele vão-se precipitar rapidamente.

Em Março de 1888, está em Paris. Reencontra o irmão Theo que se tornou o director da casa Goupil. Este acolhe van Gogh como se de uma criança se tratasse. Passam a morar juntos no pequeno apartamento de Theo. Van Gogh frequenta a loja de Pere Tanguy, onde encontra trabalhos de Katsushika Hokusai, Utagawa Hiroshige e Kitagawa Utamaro. Fica impressionado pela nova maneira de representar os objectos





e o espaço. Pinta o retrato de Pere Tanguy, um quadro composto por partes que possuem valores tonais distintos, mas que formam um todo.

### **A explosão de cor**

Nesta altura conhece Toulouse-Lautrec e familiariza-se com os impressionistas - Monet, Renoir, Pissarro. Mais tarde torna-se íntimo de Gauguin. Em todos os cafés discute-se o impressionismo e mais tarde o neo-impressionismo. Ganha a prática de construir figuras por meio de pequenos toques coloridos, divididos na tela, mas recompostos opticamente pela visão dos pontilhistas; e dos impressionistas adopta a arbitrariedade da cor e pinta o “Auto-Retrato”, e mais 200 quadros em dois anos.

A saúde muito debilitada de van Gogh não resiste a estes dois anos de vida trepidante em Paris. Em Fevereiro de 1888 já está em Arles, a pintar ao ar livre.

Leva agora uma vida calma, tranquila, colorida. Retracta o trabalho do campo: trigais, montes de feno, carroças, hortas, ao longe montanhas azuis. Ao chegar o Verão, van Gogh entra na fase mais furiosa, perturbadora e produtiva de toda a sua carreira. Liberta o colorido. *"Serei um colorista arbitrário"*. A luz ilumina “Os Girassóis”, fazendo desta planta o seu tema predilecto: *"Eu quero a luz que vem de dentro, quero as cores representando emoções"*. Gauguin chega em Outubro daquele ano para trabalharem lado a lado. São dois meses de trabalho árduo e fértil para ambos. Mas as diferenças de comportamento entre os dois terminam em luta corporal. Gauguin é no entanto mais forte e Vincent sofre um descontrole muscular, e em crise corta um pedaço da orelha, enviando-o para a mulher, que motivou a briga.

É recolhido ao Hospital Saint-Paul para doentes nervosos. Quando volta para casa pinta: "Auto-Retrato com a Orelha Cortada". As crises sucedem-se com frequência. Trabalha com vigor e até mesmo com fúria, mas não consegue vender suas telas. Em maio de 1889, van Gogh pede ao irmão que o interne consciente de todos os seus problemas.

### **A pintura como razão de vida**

É internado em Saint-Rémy e pinta a vida simples à sua volta: doentes, celas, o pátio, os médicos. Pinta paisagens, vigiado por um guarda; pinta com fervor, com intensidade. Escreve a Theo: *"Na vida de um artista, a morte talvez não seja a coisa mais difícil"*. As suas paisagens são agressivas. As suas crises levam-no a contorcer-se pelo chão, fala com demónios, tem alucinações místicas: ouve anjos. Theo é chamado, mas não pode visitá-lo porque sua mulher espera a primeira filha. Pede a Signac que vá em seu lugar. Signac, ao ver o trabalho de van Gogh fica impressionado com a sua



pintura. O jornal *Mercure de France* publica ineditamente elogios entusiásticos. Os seus trabalhos participam numa Exposição em Bruxelas, na Casa Goupil, o que agita a imprensa de toda a Europa, mas só é vendida uma tela: “A Vinha Vermelha”, o único quadro comprado em vida de Vincent. Theo consegue um tratamento para o irmão com o Dr. Gachet, psiquiatra, pintor e amigo dos artistas. Van Gogh deixa Saint Rémy em 1890, visita o irmão e segue para Auvers. O caso é grave. O Dr. Gachet compra tinta e telas, e deixa o pintor à vontade. Van Gogh pinta "Os Ciprestes", "Trigal com Corvos" e "Retrato do Dr. Gachet", todos com pinceladas violentas, mas sem dúvida as melhores obras de van Gogh.

Os seus últimos quadros atestam total rompimento com a realidade objectiva. Trigais turbulentos, ciprestes trémulos, oliveiras torcidas, há angústia, dor, sofrimento nessas obras. A paranóia aumenta e chega a acusar o Dr. Gachet de querer matá-lo.

Melhora. Vai a Paris em busca dos amigos - Toulouse-Lautrec, Bernard, mas não procura Theo, também acusado de "mantê-lo afastado".

Regressa a Auvers.

No dia 27 de Julho de 1890, sai para o campo de trigo com um revólver. É domingo. Pinta seu último quadro. O trigo está dourado, o céu totalmente azul. Corvos pretos grasnam, fugindo em bando. No meio do campo, dispara um tiro no peito. Socorrido pelo filho do Dr. Gachet, aguarda lúcido até à chegada de Theo. Morre dia 29, dizendo a Theo: “*A miséria não tem fim.*”



“Semeador ao Pôr-do-sol”, Arles, Junho de 1888, Óleo Sobre Tela, 64 x 80,5 cm



“Vista da Planície de Crau”, Junho de 1888, Arles, Óleo Sobre Tela, 72,5 x 92 cm



## Vincent van Gogh – de falhado a ícone da pintura

Porque é que pintores como Vincent van Gogh não conseguiram vingar e vencer como pintores, e hoje em dia uma obra deles pode chegar às dezenas de milhões de euros?

Como já vimos, era a academia que estabelecia todos os parâmetros na arte, que definia os gostos e fazia críticas, e acima de tudo, que monopolizava a ideologia e cultura do mercado. É normal que quem seguisse as regras da academia fosse visto como um promissor e até mesmo famoso pintor da altura. Também foram fundamentais na organização de todo o sistema de arte enquanto funcionaram, já que além do ensino, monopolizaram a ideologia cultural, o gosto, a crítica, o mercado e as formas de difusão de arte.

### **Construção Social de Identidade**

Ora, Vincent van Gogh como podemos perceber atrás, através do relato da sua vida, fazia tudo, menos adoptar as ideias e ideologias dos outros. Podemos muito claramente ver que, em relação à academia, tinha então umas ideias muito definidas através da passagem na carta enviada ao irmão em 1880: *“Há uma velha escola académica muitas vezes execrável, tirânica, a abominação da desolação, enfim, homens que têm uma espécie de couraça, uma armadura de aço de preconceitos e convenções; estes, quando estão à testa dos negócios, dispõem dos cargos e, por meios indirectos, buscam manter seus protegidos e excluir os homens naturais.”*

Mas esta atitude tinha uma forte razão de ser. A 30 de Março de 1852 morre ao nascer aquele que teria sido o primogénito da família van Gogh. Vincent van Gogh nasce curiosamente na mesma data apenas um ano depois, e sobre ele serão depositadas todas as expectativas de futuro que estavam guardadas para aquele que teria sido afinal o primeiro filho desta família. Por isso, toda a pressão teria recaído sobre van Gogh, de cada vez que, em vez de um sucesso, a sua vida fosse contemplada com um fracasso, e teve uns quantos, já que a sua vida foi uma infelicidade contínua. Ele falhou em tudo o que para a sociedade do seu tempo era considerado importante.

Van Gogh nasce na Holanda na metade do séc. XVIII com um pai que é pastor e ainda por cima calvinista. A mãe de carácter nervoso certamente teria ainda vindo a aumentar mais o stress sentido por um jovem que já era pouco sociável e não se relacionava fosse com quem fosse, a não ser com o seu irmão Theo.



Para além de uma família disfuncional, van Gogh teria de se confrontar com uma sociedade que considerava repressora e por diversas vezes deu a entender não se deixava “domesticar” por ela.

Todos nós nos definimos e definimos os outros pela forma como somos avaliados e como os avaliamos. A interacção a que se via obrigado com esta família e esta sociedade levantaram-lhe desde sempre constantes dúvidas e incutiu-lhe a sensação de não pertencer a lugar nenhum. Toda esta conjuntura complicada, aliada ao seu constante isolamento e às suas crenças/pensamentos tornaram-no numa pessoa que viria a ser rejeitada e incompreendida pela sociedade. O facto de ser reprovado no Seminário Teológico da Universidade de Amsterdão em nada veio ajudar à sua situação, e ele passa aqui também a ser excluído espiritualmente por esta.

As dúvidas constantes, a sua não identificação com a sociedade que o rodeia, a pressão e até alguma opressão por parte dos pais e a inevitável e constante busca de si mesmo e da sua vocação levando-o a tornar-se uma pessoa insatisfeita, inconstante e quase desequilibrada é o que vai fazer dele um fracasso em todos os aspectos da sua vida, perante todos e algumas vezes até perante si mesmo.

Assim, e não se identificando com nada nem com ninguém, começa a crescer cada vez como ser de crenças e ideologias particulares e opostas a tudo o que o rodeia. Discute com os clientes sobre arte, lê cada vez mais sobre o assunto e é pioneiro em técnicas e experiências na pintura. Ora, isto vai contra tudo o que é ensinado pela academia que comanda o mercado da arte, e como tal nunca vai vingar como artista.

### **Discurso**

No entanto, e apesar das dificuldades, as suas convicções e a sua singularidade só o fizeram senão crescer e tornar-se como certas para ele ao longo dos tempos. As cartas de van Gogh forneceram material para inúmeras interpretações, e nelas encontramos os sintomas e as causas de suas perturbações psíquicas, mas acima de tudo percebemos através delas que as suas convicções não foram nunca de facto abaladas. Nelas distinguimos um homem de personalidade ardente e apaixonada, cuja essência continua a ser, ainda, uma incógnita.

*“Quanto mais me torno feio, velho, mau, doente, pobre, mais me quero vingar usando cores brilhantes, esplendorosas... E organizar as cores num quadro para fazê-las vibrar valorizadas pelas contraposições, é mais ou menos como dispor jóias e inventar trajés.”*



Pelo seu discurso, podemos perceber que a pintura era a sua vida e a sua pintura era a pintura em que ele acreditava, que ele defendia.

*“Você pode perceber pela simples nomenclatura das tonalidades que a cor desempenha um papel muito importante nesta composição. O esboço assim como está atormenta-me muito, pois pergunto a mim mesmo se não será preciso tomá-lo a sério e fazer dele um quadro terrível e, Deus meu, como eu gostaria de fazê-lo! Mas pergunto-me se terei para isso a força de execução tão necessária... E, assim, quase tenho medo. E entretanto, depois de Millet e Lhermitte, o que resta a fazer é... o semeador com cores e em grandes dimensões.”*

*“Passei três noites acordado pintando e depois dormindo durante o dia. Por tudo, uma luta e um contraste dos verdes e dos vermelhos mais diversos. Procurei exprimir com o vermelho e o verde as terríveis paixões humanas.”*

*“O que diz Pissarro é verdade: seria necessário levar ao extremo os efeitos produzidos pelas cores mediante suas harmonias ou desarmonias. É como no desenho - a cor exacta e o desenho não são as metas essenciais a serem atingidas, pois, se fosse possível fixar em cor e forma o reflexo da realidade em um espelho, isto nunca seria um quadro, pois não passaria de uma fotografia.”*

### **Essencialismo**

Vai ainda “aliar-se” aos impressionistas - Monet, Renoir, Pissarro, também eles postos de parte pela academia por se manifestarem contra as regras que esta impunha e apregoava. Incrivelmente, são estes os nomes dos pintores considerados os cânones da pintura mundial, estes que foram rejeitados pela academia e a quem sempre foi negado o acesso a exposições e à divulgação da sua arte. Uma inovadora forma de pintar teve início com Eduard Manet, que utilizou nas suas obras cores vibrantes e luminosas, abandonando o método académico de suaves gradações de cor. Ao olhar-se para uma obra impressionista de perto nota-se as pinceladas separadas que produzem uma sensação que de são manchas sem contorno. No entanto, ao longe, as mesmas pinceladas organizam-se criando formas e luminosidade.

Porém, vários críticos de arte repeliam qualquer artista que não seguisse os padrões estabelecidos pela academia e rejeitavam as suas obras. Então estes artistas resolvem



organizar-se, e com a autorização do imperador, ainda que sob fortes protestos, realizam uma exposição paralela no chamado Salão dos Recusados.

Os impressionistas, van Gogh e muito outros que teimaram em inovar, em usar da criatividade, que ousaram ser pioneiros e até mesmo proféticos no seu tempo foram minimizados e rejeitados e são estes que hoje em dia são considerados os cânones da pintura.

### **Estruturas de pensamento**

Na actualidade, as telas de van Gogh são consideradas obras de arte, e definimos por obra de arte a obra criada ou avaliada pelas suas funções artísticas ao invés da sua função prática. Por função artística entende-se então a representação dum símbolo, do belo.

A partir do século XIX os pensadores voltaram-se para as obras dos artistas plásticos, dos escritores, dos compositores musicais, analisando-as e elaborando sobre elas, e a partir delas, diversas reflexões de sentido crítico que determinem a natureza da arte, encontrando critérios que definam o que ela é e reflectir sobre o valor da criação artística, o criador, o espectador etc.

Trata-se de análises multifacetadas da obra de arte, investigando o seu enquadramento histórico e social. Tentando compreendê-la no contexto geral da evolução artística, detectando factores de ordem bio psíquica, social, ético-política, económica e ideológica que presidiram à sua criação, e avaliando as eventuais repercussões da obra nos vários campos da acção humana.

Já não se submete a criação artística a um juízo segundo um conceito absoluto de beleza. Põe-se de lado o conceito universal de belo, admitindo-se a sua variação relativamente a pessoas, a povos e a épocas diferentes. Ao especialista e a alguém que aprecia a beleza e a arte interessam igualmente todos as concepções de belo, podendo a beleza nem sequer ser característica essencial da obra de arte. Este relativismo, em estética, abre novas perspectivas na produção e contemplação da arte, e a estética torna-se uma filosofia da arte, uma psicologia da arte e uma sociologia da arte. Quanto à natureza da arte interrogar-se-á, por exemplo, se a arte consiste numa imitação ou na estilização formal da natureza; se a arte não passa de actividade lúdica ou se consistirá num trabalho produtivo, se ela é a figuração de algo ou se a objectividade da representação se anula para deixar transparecer o íntimo do artista.

Relativamente ao *critério*, a estética procura encontrar algo que a distinga da técnica e da produção industrial. Será a proporção a harmonia? Mas então, dizer o quê da



desproporção patente nas obras contemporâneas? Será a liberdade absoluta o critério da arte, ou esta deverá reflectir as coordenadas sociais? Será artística a obra que nos provoca alegria, júbilo?

Sobre a questão do *valor*, a estética debruça-se sobre as funções da arte, procurando discutir o seu carácter empenhado ou o seu carácter gratuito.

Enquanto psicologia da arte, a estética encara a obra em função do sujeito, centrando-se na sensibilidade estética não apenas do criador, mas também na do espectador.

Relativamente ao *criador*, procura recompensar a fruição estética sentida aquando da concepção e realização da obra, bem como avaliar os motivos ou razões que presidam à sua criação.

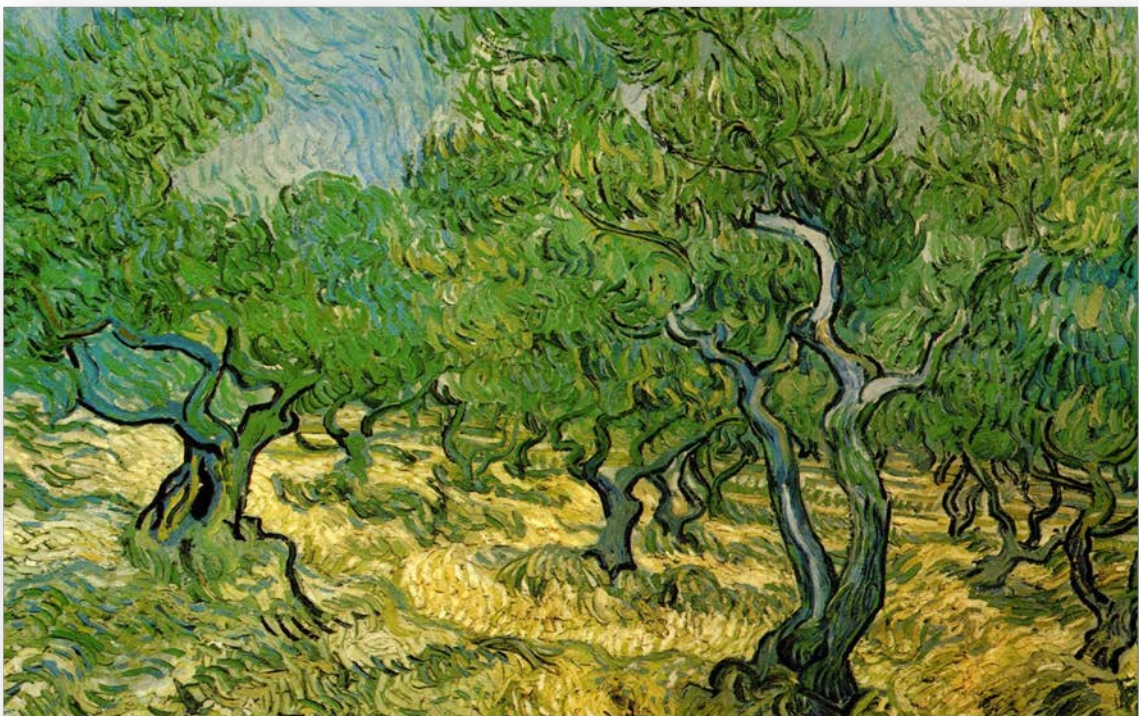
Também o *espectador* é de interesse, sendo mesmo considerado como criador. De facto, como sabemos, ao contemplar, tem que captar os aspectos sensíveis da criação, senti-los e interpretá-los a seu modo, projectando nela a sua interioridade. O espectador também cria, passando a obra a ser a sua obra.

Em resumo, a noção de crítica de arte diz respeito a análises e juízos de valor projectados sobre as obras de arte que, no limite, identificam e definem os produtos artísticos como tais, envolvendo a interpretação, julgamento, avaliação e gosto.





“Memória do Jardim em Etten”, Arles, Dezembro de 1888, 73.5 x 92.5 cm



“O Olival”, Saint-Rémy, Junho 1889, 72.0 x 92.0 cm

Arte - Ontem e hoje

Antigamente existiam duas linhas de acção para uma pintura se tornar famosa:

- O pintor era bom de facto e seguia as regras impostas pela academia.
- A arte era conduzida por ditadores e eles peneiravam quem e o que queriam.

É evidente que *marchands* de arte e galeristas defendiam valores, artistas, e faziam a fama muitas vezes 'mascarada' em termos de arte.

### **Tradução cultural num espaço temporal**

O aparecimento das academias de arte ocorre aquando da crise de ideais renascentistas e marca uma alteração radical no *status* do artista. Os artistas são vistos, a partir de então, como teóricos e intelectuais, o que vem alterar o carácter dos escritos sobre arte. As novas instituições têm papel preponderante no controle da actividade artística e na determinação de padrões de gosto. Na academia francesa, fundada em 1648, observa-se uma associação mais concreta entre o órgão e uma doutrina particular, com base no classicismo.

Nos séculos XVIII, auge das academias, e XIX, teóricos do neoclassicismo quebram definitivamente com o modelo proporcionado pela "vida de artista", amparando as suas interpretações em testemunhos históricos e no esforço de compreensão da linguagem artística propriamente dita. Tanto os clássicos quanto o romântico são intelectualizados entre a metade do século XVIII e meados do século XIX. O contexto em que as novas ideias se fixam é praticamente o mesmo: as contradições que surgiram com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa.

O século XIX assiste ao crescimento das exposições de arte e ao alargamento do poder do crítico. É de lembrar que os pintores estão envolvidos em debates críticos sobre as suas obras e escritos, por exemplo, Eugène Delacroix (1798-1863) e suas considerações sobre o romântico, e Gustave Courbet (1819-1877), responsável pelo estabelecimento de um padrão de arte realista. A partir daí, os autores passam a ocupar o papel principal nos debates sobre arte em geral, entre eles Émile Zola (1840-1902), o crítico do impressionismo. Mesmo nos movimentos de vanguarda das primeiras décadas do século XX, os escritores e poetas mantêm suas considerações de críticos de arte activos. A crítica de Charles Baudelaire (1821-1867), em especial seu célebre ensaio *O Pintor da Vida Moderna*, sobre Constantin Guys (1805-1892), mostra-se basilar para a definição de arte moderna e da própria ideia de modernidade. Charles Baudelaire declara que o moderno não se define pelo tempo presente, nem toda a arte do período moderno é moderna, define-se sim por uma nova postura e compreensão da modernidade.



Seguir a história da crítica de arte no século XX força à análise detida de diversas vertentes teórico-metodológicas, que informam tanto a crítica propriamente dita quanto a história da arte, assim como o levantamento da crítica mais combatente, transmitida pelos jornais e revistas especializados.



“Campo de Trigo com Corvos”, Auvers-sur-Oise, Julho de 1890, Óleo Sobre Tela, 50,5 x 103 cm



“Quatro Girassóis Cortados”, Paris, Setembro de 1887, Óleo Sobre Tela, 60 x 100 cm



## Conclusão

Vincent van Gogh era um homem perturbado, de ideias fixas e ideologias que iam contra as que se pregavam na altura, muito devido à vivência com uma família disfuncional e a uma sociedade repressora com a qual não tinha qualquer identificação.

Como pintor, foi colocado à parte pelo seu embate frontal com o poder da época, que monopolizava o mercado da pintura, pois tinha fortes convicções na sua capacidade de inovar na arte ideias que projectava e que quase eram proféticas do rumo que a arte tomaria de futuro. Não aceitando deixar-se dominar por uma “velha escola académica muitas vezes execrável, tirânica, a abominação da desolação” viu assim comprometido o seu futuro como pintor, tal como muitos dos chamados Impressionistas – nome que lhe foi atribuído, de forma depreciativa, graças ao quadro “Impressão”, nascer do sol de Claude Monet.

As ideias de belo, de arte, de cultura impostas e doutrinadas pela academia era a antítese das obras destes pintores, e como tal, muitos não vingaram na sua época. Ainda assim, com os seus protestos e com alguma ajuda do Imperador Napoleão III de França, obtiveram autorização para poderem expor as suas obras, ainda que no Salão dos Rejeitados.

Coincidentemente, são estes os nomes que nos dias de hoje vendem obras no valor de várias dezenas de milhares de euros. Vincent van Gogh tem, por exemplo, três quadros entre os dez mais caros do mundo. Juntamente com ele, nomes como os de Renoir, Monet, Manet, Degas, Pissarro, encabeçam hoje a lista de Cânones da pintura. Actualmente, onde tudo passou a ser analisado com os olhos da razão, a visão de arte e a forma de avaliação da mesma, através de critérios que vão desde conceitos políticos até crenças populares, passando por todas as formas de arte e pela estrutura da sociedade, faz com que estas obras sejam agora consideradas obras de arte e retractem um valor oposto ao que tinham na época da sua concepção.

O facto de a arte ser agora uma cultura de massas em vez de uma cultura muito restrita apenas a algumas elites pensantes, e ainda também graças às novas tecnologias que vieram fazer explodir um inúmero tipo de novas artes mais abrangentes e de acesso a todos, ajuda a uma diferente avaliação desta arte erudita.



Sobre este tema, pelo qual optei para este trabalho, há muita discussão, algumas contradições, e muito que poderia ainda ser dito e desenvolvido. Certamente um assunto que vou querer aprofundar fora do âmbito desta disciplina académica.

## Referências bibliográficas

FERNANDES, Joana (2010/11), *Guia de boas práticas para apresentação escrita do projecto de investigação*.

ARMONY, Nahman (1990), *van Gogh – cem anos de presença* [Internet, www]

<http://www.saude.inf.br/nahman/vangogh.pdf>

WALTHER, Ingo F. (2000), *van Gogh (Spanish Edition)*, Taschen

WALTHER, Ingo F. (1999), *Vincent van Gogh: 1853-1890, Vision and Reality*, Taschen

ARTAUD, Antonin, *Suicidado pela sociedade* [Internet, www]

[http://twitdoc.com/upload/juan\\_\\_salazar/52838990-antonin-artaud-van-gogh-suicidado-pela-sociedade.pdf](http://twitdoc.com/upload/juan__salazar/52838990-antonin-artaud-van-gogh-suicidado-pela-sociedade.pdf)

Filme - *The Eyes of van Gogh* (2005)

[Internet, www] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vincent\\_van\\_Gogh](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vincent_van_Gogh)

[Internet, www] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte>

[Internet, www] [http://www.marceloduprat.net/Textos/van\\_gogh2.pdf](http://www.marceloduprat.net/Textos/van_gogh2.pdf)

[Internet, www] *The Power of Art* - <https://www.youtube.com/watch?v=LG1zGY7IE1U>

---

## Notas

<sup>1</sup> O panteísmo é a crença de que absolutamente tudo e todos compõe um Deus abrangente e imanente, ou que o Universo (ou a Natureza) e Deus são idênticos.

<sup>2</sup> O Calvinismo (também chamado de Tradição Reformada, Fé Reformada ou Teologia Reformada) é tanto um movimento religioso protestante quanto uma ideologia sociocultural com raízes na Reforma iniciada por João Calvino em Genebra no século XVI.